

Num.
78
Anno II



4
Agosto
1923

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.



M^{lle} FERNANDE DIAMANT
em
"Les Cupidons noirs"

"FLUXO-SEDATINA"

O grande remedio
das senhoras

é a Fluxo-Sedatina

Porque cura Colicas Uterinas em 2 horas. Suspensões, Hemorragias excessivas, Inflamações dos Ovarios e todas as doenças do Utero combate-se com a FLUXO-SEDATINA.

Na idade critica das mocinhas, regula os periodos mensaes, e nas senhoras evita os Tumores Uterinos.

Nos Partos, diminue as Dores e as Colicas e evita as Hemorragias Antes e Post Partum.

Os directores de hospitaes, sanatorios e parteiras que queiram fazer experiencias dirijam-se ao deposito

Em todas as Pharmacias e Drogarias



A Notre Dame de Paris

Rua do Ouvidor, 186

Ao 1.º Barateiro

Av. Rio Branco 100

A Brasileira

Lrg. S. Francisco 38-42

ESTE MEZ

encontrará V. Exa. as maiores vantagens em todos
os agasalhos da **MODA**

Capas — Manteaux — Costumes

Pelles — Malhas

Queira verificar as vantagens dos

NOSSOS PREÇOS

EXPEDIENTE:

"A MAÇÃ"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:

Humberto de Campos. — Redacção: Rua da Quitanda, 59

Estados:

Capital:

Anno.....	25\$000	Numero Avulso.....	\$500
Registrado (Anno).....	50\$000	afrazado	\$600
Numero avulso.....	\$600		

Exterior:

Porte simples

Registrado

Anno.....	50\$000	Anno.....	60\$000
Semestre.....	30\$000	Semestre.....	35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bettencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios:

1 pagina.....	200\$000	1/3 pagina.....	35\$000
1/2 pagina.....	110\$000	Capa a duas côrcs.....	450\$000
1/4 pagina.....	60\$000	• • trez •	600\$000

Publicações no texto 5\$000 a linha, em corpo 7

Agente geral: RAUL DE ALMEIDA

GUARANI
TONICO SUPREMO

Magreza, velhice precoce, espinhas de origem intestinal. Base de genuino e concentrado guaraná - kola - cocca - arsenio-phosphates, méx vomica, etc.

Na villa de Aurora fui casualmente presente a uma cerimonia nupcial. Eu me achava á porta da Igreja quando o cortejo ia deixar o templo.

Dando o braço á esposa, o marido não disse nenhum disparate sentimental; disse esta frase rude, mas sincera:

— Agora, Joanninha, ou bom ou mau, a desgraça tá feita!

Leonardo Moffa

Comp: de Loterias Nacionaes do Brasil

Extrações publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e nos sabbados ás 3 horas.

Rua Visconde de Itaborahy N. 66

Hoje, 4 de Agosto, ás 3 horas da tarde

200:000\$000

Por 16\$000 em Decimos

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da Companhia á Rua 10. de Março, 110

A assistencia aos tuberculosos

A Liga Brasileira contra a Tuberculose previne ao publico que o seu serviço especial de Assistencia Domiciliaria, instituido desde 1913 para visitar e tratar tuberculosos indigentes, continua a funcionar regularmente em todas as freguezias urbanas do Districto Federal, tendo a sua séde á rua Senador Euzebio n. 238.

O enfermo que não póde frequentar os dispensarios da Liga é assistido em seu proprio domicilio recebendo gratuitamente, além dos soccorros medicos, ministrados por especialistas, os remedios necessarios e bem assim o leite de superior qualidade.

Um simples aviso dado pelo telephone (Norte 3930) nas horas do expediente (11 horas da manhã ás 2 da tarde), basta para a immediata satisfação do pedido de assistencia

PYRAMIDON

DE MEISTER LUCIUS & BRUENING, HOECHST & A/MAIN, ALLEMANHA

Só a marca assegura o pureza do producto. O uso mais pratico e commo-do é em **comprimidos de 0,1 a 0,3 grammas.** Para todos os casos de Hemis-crania, Cephalagias, Nevralgias, Febre, etc. Cada pessoa deve ter um tubo de comprimidos Pyramidon em casa.

Represens.: **JOHN JUERGENS & C.**

RUA DA ALFANDEGA, 120 RIO DE JANEIRO

RUA FLORENCIO DE ABREU, 108 SÃO PAULO

A' venda nas Drogarias e boas Pharmacias
TUBO: 2\$500

AGASALHOS DE LUXO

Cache-cols de seda

39\$⁰⁰⁰ 41\$⁰⁰⁰ 43\$⁰⁰⁰ 47\$⁰⁰⁰

Cobertores finos

43\$⁵⁰⁰ 50\$⁰⁰⁰ 56\$⁰⁰⁰ 61\$⁰⁰⁰

CASA YORK

Assembléa, 22 a 26

Esq. R. do Carmo

NUMEROS ATRAZADOS

d'A MAÇA, nas livrarias
Leite Ribeiro e Braz Lauria, á rua
Gonçalves Dias, 78 - RIO.

Dr. Luiz Sampaio

OPERADOR E PARTEIRO

Especialista em molestias de senhoras e creanças, em
syphilis e vias urinarias.

Applica injeções de 914 por processo rapido e sem dor.

CONSULTORIO — Ourives 30, das 4 ás 6 horas

Telephone Norte 1422

RESIDENCIA — PRESIDENTE DOMICIANO 194

Nictheroy

Telephone 2066

FORMOSINA

Amacia, Perfuma e dá côr,
Aformosêa o rosto e realça
a belleza.

Faz desaparecer espinhas,
cravos, manchas, sardas, pannos, etc.

DEPOSITARIOS:

Ourives, 88, S. Pedro, 82
e Andradas, 29

Velho truc

Madame, no tempo do seu primeiro marido, costumava, alta madrugada, accordar aos gritos, em horriveis ataques nervosos. E no meio d'elles pedia:

— Chamem o dr. Fulano! Chamem o dr. Fulano!

O dr. Fulano morava longe, não attendia a telephone, e só comparecia quando o iam buscar de automovel. Por isso, o marido de madame vestia-se, e ia buscar o medico, ao mesmo tempo que um conhecido capitalista penetrava no palacete, passando ahi o tempo que o dono da casa andava por fóra.

Um dia, houve a separação, e o capitalista ficou com madame. E vivia muito bem, quando esta, uma d'estas noites, accordou aos gritos:

— Ai!... Ai!... Ai!... Chamen o dr. Fulano!

— Quem?... — fez o capitalista, sentando-se no leito.

E punhos fechados:

— Pensas, então, que eu não te conheço? Amanhã ficas só, aqui!

E mudou-se, de manhã.

TONICO MODERNO

— Dê-me C. 2 5 2 9.

E' o escriptorio do Dr. Zacharias?

— E' minha senhora; deseja fallar-lhe?

— Alô! é o Chiquinho?

— Sim... meu amor — é elle mesmo...

— Não te esqueças da promessa; vem mais cedo, no 3.50, pois a temperatura aqui está muito fria, as minhas noites aqui em Petropolis tem sido insipidas, sem a tua companhia.

— Sim!? — subirei no 3.50 ou 4.30.

— Alô — oh! Chiquinho ia-me esquecendo da encomenda que me fez a Yvonne. Ella pediu-me para comprares ahi em qualquer drogaria ou na rua da Quitanda dezeseite um vidro de sexual do qual faz uso o Dr. Martinho, o velhote do marido della; não te esqueças; pois ella m'o recommendou insistentemente...

Alô — Alô... Já querias desligar? Espera um pouquinho, lembrei-me que talvez fosse conveniente trazeres dois vidros do sexual, um para experimentares, pois que andas tão esgotado e fatigado com os teus negocios, fôro, tribunaes etc...

— Sim, amorsinho, vou adquiril-os, mesmo porque o Souza já m'o havia recommendado como optimo.

Até logo á noite... adeus!



SEXUOL

NAS DROGARIAS

EM S. PAULO
Rua Quintino Bocayuva, 18

TUBO
Preço 10\$000

DEPOSITOS:

Rodolpho Hess

Drogaria Baptista

» Gesteira

» Rodrigues

» Ruffier

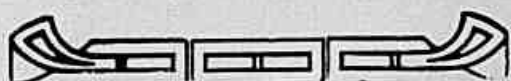
» Central

» Granado

» V. Silva

» Gomes

» Pacheco



Comprem todos os mezes

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento
cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO

Secretario: AGRIPPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros.

É publica ineditos. Trax a resenha da movimenta
literaria nos paizes europeus e nos estados da União.

Cada exemplar de 150 paginas: 2\$000, e 2\$500 na
interiar.

EDITORA

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO



Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Gosos e prejuizos no amor	1\$500
Perseverança no amor - por Eduardo Green....	
Enciclopedia do amor - colleção de phrases, pen- samentos e anedoctas.....	8\$50
O estupro das virgens e os castigos de venus - Des- cripção geral dos phenomenos intimos da mulher	1\$500
Hygiene do amor - pelo Dr. Paulo Durand.....	2\$000
Physiologia do amor - Merlin - O amor livre e o amor conjugal entre differentes povos - edicção illustrada.....	2\$500
A vespera do noivado - conselhos aos noivos e aos recem-casados.....	1\$500
Mysterios do leito conjugal - descripção circumstan- ciada dos grandes segredos, excessos conjugaes, etc.	1\$500
Collecção illustrada de Paulo de Kock a 1\$500	
As ligas da noiva	A filha da porteira
Amor e ciumes	Educação de Flora
A rival de sua filha	A bella costureira
A filha perdida	As criadas de Paris
A filha do peccado - novella realista de Invernizio..	1\$500
Anedoctas de Bocagio.....	1\$500
A beira do leito.....	1\$500
A filha do Judeu.....	1\$500
Desgostos da vida dos casados.....	1\$000
As treze noites de Joanna.....	2\$000
Memorias de uma criada de servir - romance de aventuras galantes.....	8\$000

Collecção Garota a 200 réis

Um passeio ao campo || Uma aventura de amor
A ceia de Cleopatra || O banho de Adelina

Arte de se fazer amar por Mme. X X \$500

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES — REVISTAS,
JORNAES E ALBUNS PARA BORDADOS, LIVROS,
FIGURINOS, FOLHETINS POLICIAES, ETC.

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.

Prestigiemos a Indústria Nacional

TERNOS SOB MEDIDA:

De boa casimira nacional.....	120\$000
De superior casimira nacional, pura lã, em geral vendida como estrangeira.....	260\$000

◀◻▶ Grande variedade de padrões os mais modernos e lindos ▶◻◀

Habilltem-se ao nosso **SORTEIO DIÁRIO** de mercadorias no valor de
CEM MIL RÉIS.

PARC ROYAL

— A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL —

≡ CIDALGINA ≡

Heroico medicamento contra qualquer dor

Efficaz, poderoso e infallivel nas dores de cabeça, nevralgias, enxaquecas, etc.

DEPOSITARIOS:

Ourives, 88; S. Pedro, 82; Andradas, 29
e Sete de Setembro, 61

PARA O INVERNO

Meias de lã

Camisas de lã

Ceroulas de lã

Cobertores de lã

Jackets de lã

Cachenez de lã

Cachecol de seda

Camisas sport, pura lã

Capas impermeaveis

Preços baratissimos

CASA ESTRELLA

OUVIDOR 34

Durante este mez grandes abatimentos
na

CASA TEDESCO

Grande sortimento de
Artigos de Agasalho

Pelles, Boás de Plumas, casacos de malha de Lã e de Jersey de seda

Lindos desenhos em tecidos de Lã, Gabardine, Flanellas,
Velludos, Bengaline de Lã, Meias de todas as qualidades
e preços, Morins, Cretones e Artigos de Armarinhos

SEDAS
GRANDE VARIEDADE

Não comprem sem verificar os preços e as vantagens que offerece a

CASA TEDESCO

9, Rua Gonçalves Dias, 9

OLHOS **Inflamações e purgações**
USE O
"COLLYRIO MOURA BRAZIL"

VESTIDOS

Lindíssimos modelos em

Vestidos toilette

Vestidos para baile

Vestidos para passeio

Vestidos de malha

Vestidos de lã.

Manteaux = Capas

Costumes

ROYAL-STORE

187 OUVIDOR 189

prox. Largo de S. Francisco

PHONE. 6717

Casa RAUNIER

15 % de desconto

nas secções de Fazendas, Armarinho, Meias, Chapelaria, Camisaria, Roupas para Senhoras, Cama, Mesa e Tapeçarias.

Tocando a campainha, quando estiver fazendo o pagamento de suas compras, nada lhe será cobrado.

170, Rua do Ouvidor, 170



BIOTONICO FONTOURA

O MAIS
COMPLETO
FORTIFICANTE





OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A CONFISSÃO



A grande artista de theatro era, não obstante os papéis levianos que lhe distribuíam, uma perfeita dona de casa. A sua pequena moradia de Ipanema, de onde se descortinava o oceano largo e rolante, era um mimo de gosto, de arte, e desse espirito de ordem que certas mulheres deixam, por onde passam. E como Irene de Castro era desse numero, a sua casinha fazia o encanto dos amigos, dos collegas, de quantos tinham a ventura de atravessar aquelle jardimzinho florido, sem o risco de lhe soltarem o cachorro nas pernas.

Embora vivesse em companhia de uma velha parenta, a formosa artista entregava o serviço interno da casa á Antonia, portuguezinha de trato, proprietaria de um lindo cabello castanho, de uns dentes muito alvos, e de uns olhos escuros que eram, segundo o seu proprio depoimento, os mais bonitos que haviam sahido da sua aldeia. Rapariga de confiança, a Antonia era, ao mesmo tempo, arrumadeira, copeira e governante, exercendo, na casa, o «contrôle» de toda a actividade. Nada se fazia sem a sua audiencia: era ella quem dizia sobre as «toilettes» da patrão, quem despachava as visitas, quem servia, em summa, de intermediaria com todos os fornecedores. E foi por isso mesmo que Irene de Castro convidou, uma noite:

— Queres ir hoje ao theatro, Antonia?

- Si a patrão quizêre...
- Então, vou te arranjar uma cadeira.
- Pois, não, minha senhora!

O papel destinado, nessa noite, a Irene de Castro não era, infelizmente, de primeira ordem. A peça era interessante, e coubera-lhe interpretar uma creada, mas uma creada expedita, dessas que dominam, inteiramente, numa casa. Incarnando a sua personagem, Irene fazia-o com o brilho, a vivacidade, o talento que punha em todos os papéis de que se encarregava. E era assim que, não só dominava a patrão, a familia inteira, como conduzia ao leito da dona da casa os seus namorados, profanando criminosamente aquelle recesso santificado do lar.

Da sua cadeira, a Antonia acompanhava, attenta, o desenrolar da comedia, admirando a naturalidade com que a patrão se multiplicava no enredo do caso, como se não tivesse feito, na sua vida, outra cousa que não fosse servir, na copa, na cosinha, no quarto de vestir. Terminado o ultimo acto, correu a tomar o bonde, caminho de casa, onde já encontrou Irene, que havia ido de automovel.

Ao entrar no quarto de vestir, a artista indagou, jovial:

- Então, Antonia; que achaste?
- Ah, Dona Irene, eu fiquei com tanta vergonha!... — fez a rapariga, corando.

E de olhos baixos, perturbada:

— Como foi que Dona Irene soube que eu trago meu primo Augusto para a cama da senhora?

X. X.

FRASES QUE MORRERAM

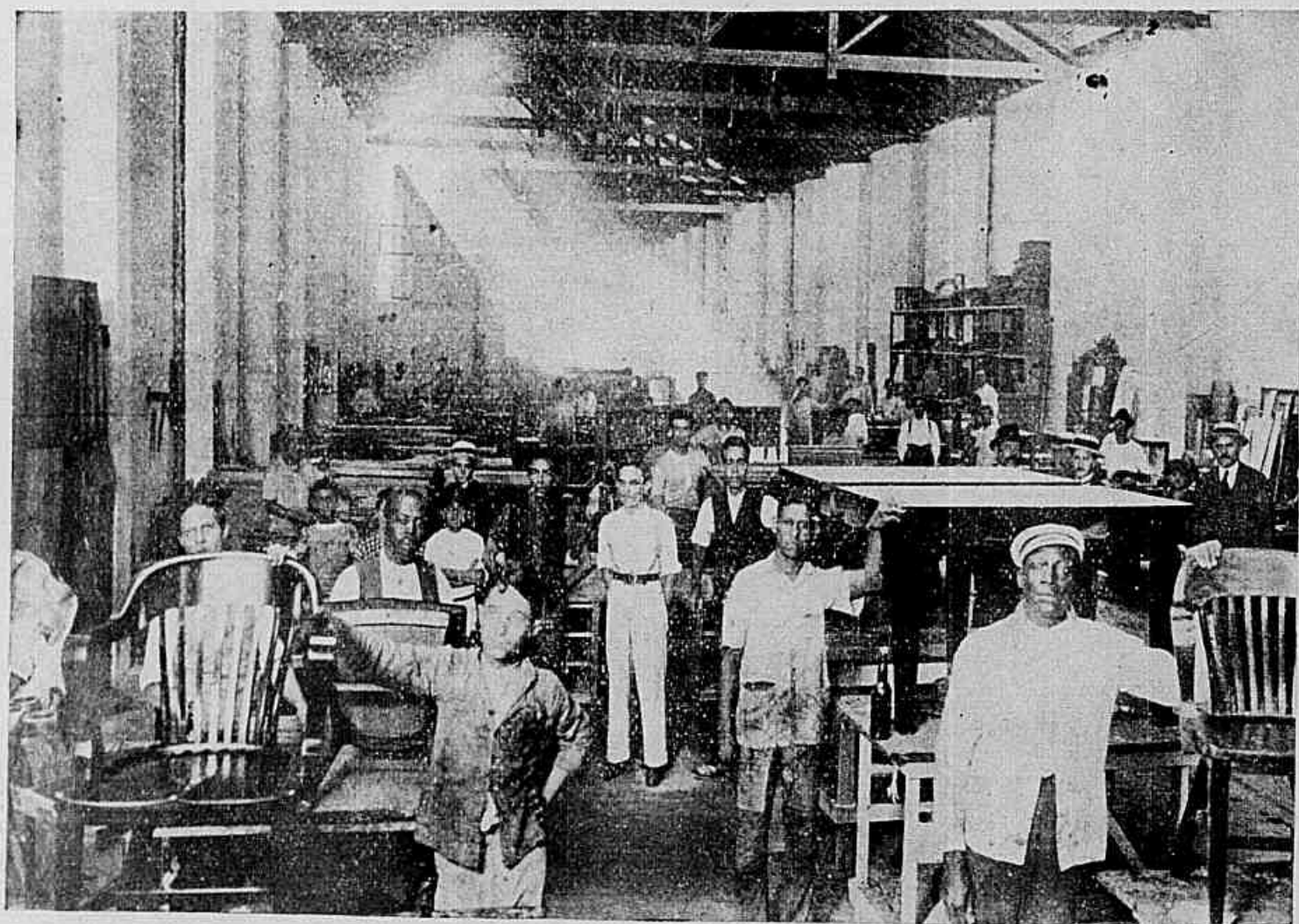


— Vamos até lá?...

AS GRANDES INICIATIVAS



Convidados presentes à inauguração da maior fábrica de moveis de escriptorio na America do Sul, realizada sabbado passado á rua do Riachuelo, 146 a 150, com a presença dos socios da firma proprietaria J. PALERMO & Cia., que foram prodigos em gentilezas para com os visitantes. A grande firma industrial tem um vasto deposito de vendas e mostruario á rua 7 de Setembro, 211.



Um aspecto do interior da importante fabrica — honra da industria nacional de moveis especializados para escriptorios.

PEDIDOS E INFORMAÇÕES A J. PALERMO & C.
RUA 7 DE SETEMBRO, 211 — — Rio de Janeiro

O HUMORISMO NOS ESTADOS (S. Paulo)

SI VANCÊ QUIZÉ, SEU MANJÓ...

CONTO DE EUCLIDES ANDRADE

Depois de terem ido ao Parque Anhangabahu, ao Museu do Ypiranga e ao Instituto de Butantan, onde assistiram a uma conferencia do professor Krauss sobre o veneno ophidico, conferencia de que, aliás, não perceberam patavina, Dona Maria José declarou ao esposo que não voltaria ao hotel, sem visitar antes os macaquinhos e demais bichos do Jardim da Luz.

O major Reducino Fidelis, cujos calos lhe ardiam, doloridos, dentro das botinas novas, rangedeiras, compradas numa liquidação da rua Santa Ephigenia, protestou logo, ancioso, por voltar ás suas chinellas de trança, deixadas sob a cama, no hotel manhoso em que se hospedaram á rua da Conceição.

— Deixa de bobage, Dona Maria José! Que macaco que nadal Bamo pro hotelsinho descansá um tiquinho ante da janta. Eu tô cos calo que num guento mais...

Mas, Dona Maria José repontou: queria que as crianças se divertissem um bocado — coitadas! — — vendo as caretas dos macacos no Jardim da Luz.

O major protestou novamente: estava cansado, moido de tanto andar desde pela manhã.

Ao demais, as crianças, os seus onze filhos, que formavam uma perfeita escadinha, estavam fartos de ver macacos, micos e sanguis lá na fazenda, em Santa Cruz da Cotia.

O melhor seria irem todos para o hotel.

Dona Maria José, porém, teimou em ir ao Jardim da Luz. E foi.

Os onze herdeirosinhos do major Reducino (onze!) gosaram horas deliciosas deante da gaiola dos micos e orangos e foi com certa dificuldade que a veneranda senhora Dona Maria José conseguiu arrastal-os de ao pé da jaula dos simios para darem uma volta pelas alamedas ensombradas do parque.

Em frente ao viveiro das araras Dona Maria José avistou um dos muitos photographos ambulantes que alli fazem ponto diariamente e logo uma idéa lhe brotou no cerebro: tirar o retrato dos filhos para leval-o como recordação da permanencia em S. Paulo, quando regressassem a Santa Cruz da Cotia.

Consultou o major e este acquiesceu á proposta. A bondosa tapiocana dirigiu-se então ao «artista».

— Seu moço, mecê por quanto tira o retrato de meus fio todos?

O discipulo de Daguerre saccudiu a juba leonina, impertigou-se, deu mais uma lambida no retratinho que acabava de revelar, correu os olhos pela tribu do major Reducino e indagou:

— São onze, não é?

— Nhor, sim.

— Faço

por dois mil réis cada um; mas o melhor é tirar logo uma duzia. Faço tudo por 18\$000.

Dona Maria José voltou-se para o esposo:

— Vio, seu manjó? O phetographe diz que só póde tirar 12 por 18\$000.

O major sorriu maliciosamente, encarando a esposa e depois, dirigindo-se ao retratista ambulante:

— Antãoce só doze, num é?

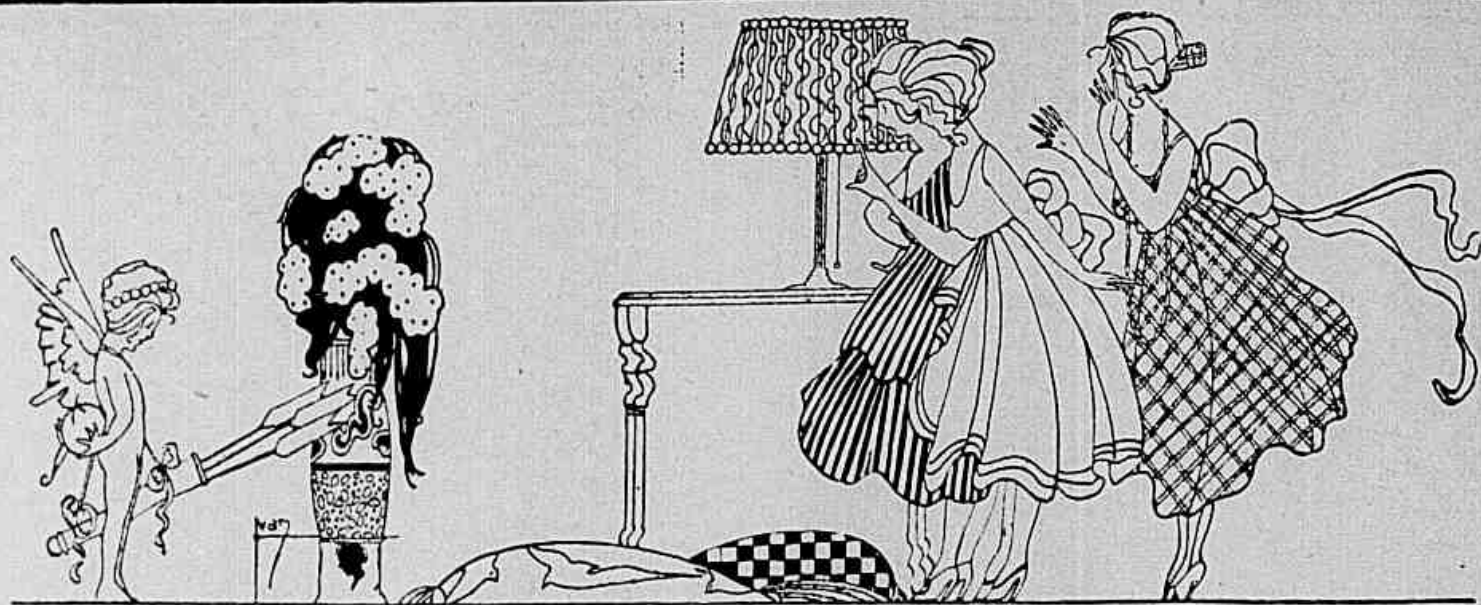
— Sim, senhor, fica mais barato para o senhor...

— Antãoce, seu moço, me descurpe, sim? Daqui ha nove meis nós vortemo cos doze pra tirá o retrato, num é, Maria José?...

Dona Maria José baixou os olhos, virtuosamente:

— Si vancê quizé, seu manjó... Euclides Andrade





A ESCOLA DAS MOÇAS

(Dialogo á maneira de Luciano)

de MARCEL ASTRUC

ALICE — Tu sabes, Luciana? Rogerio, aquelle rapaz de quem te falei tantas vezes, não me ama, como eu suppunha. Elle patentea, deante de mim, a mais cruel, a mais injuriosa indiferença.

LUCIANA — Mas esse Rogerio não é aquelle que te fazia a corte no inverno passado, e que tu repellias?

ALICE — E' esse mesmo. Eu o repellia porque elle me amava demais; mas não era para que elle se distanciasse. Elle não comprehendeu, entretanto, o meu pensamento, de modo que eu, agora, é que tenho de andar afraz d'elle.

LUCIANA — O peor é isso !... O certo, porém, é que nós, mulheres, não sabemos o que nos compete fazer... Mostrarmo-nos fracas? Aquelles cujo amor pretendemos fixar, logo nos despresam. E si, ao contrario, manifestamos orgulho, então, elles, crendo-se repellidos, promptamente nos abandonam!

ALICE — E o peor de tudo, Luciana, é isto: privadas de um coração que relinhamos prisioneiro, que valemos nós, aos nossos proprios olhos? Parece que a natureza inteira dá as costas a esse monstro: uma mulher que não é amada! Acreditas que seria preferivel que eu fivesse capitulado ha seis mezes?

LUCIANA — Tu não serias, talvez, menos abandonada do que hoje. Não; não é assim que se deve agir.

E' preciso ter consciencia do nosso papel, e manobrar o adversario, como diz meu tio general, sem jamais lhe permittir o contacto. Presta attenção a este detalhe. Não me disseste, já, que costumavas ir ao theatro com elle?

ALICE — E' verdade; ás vezes.

LUCIANA — Pois, bem; quando vocês estão os dois, em

um camarote, olhando o espectáculo, não roçaste nunca, como por acaso, a tua perna na d'elle? Ao te voltares de repente para lhe pedires uma explicação sobre a scena, não sentiste, porventura, tocar de leve as tuas espaduas nuas, no seu queixo ou no seu labio? Não sentiste nunca, ao te virares, os teus cabellos lhe roçarem o rosto, como se não soubesses que elle estava tão perto de ti?

ALICE — Nunca, Luciana: juro-te que nunca. E creio que, antes que o fizesse, cahiria morta de vergonha!

LUCIANA — E' o que te parece... Faze o que eu te aconselho, e não temas morrer por tão pouco. Queres tu, empregando armas que te não foram dadas para outro uso, abandonar a victoria a outras mulheres que não terão os mesmos escrúpulos que tu?

ALICE — Mas será preciso, Luciana, que nós, as mulheres, tenhamos de correr, assim, afraz dos homens? E' essa a tua opinião?

LUCIANA — Evidentemente, si nós quizermos apanhar algum. Depois, quando estivermos casadas, teremos mil modos de nos vingar d'essa humilhação.

ALICE — Que elle condescenda em amar-me, e eu não me vingarei d'elle; minha ternura é grande demais para isso. Mas eu vejo bem, Luciana, que tu tens razão; não é segundo as recommendações de nossas mães que nós conseguiremos a ventura. Ella não vem por si, espontanea; é preciso conquistal-a, como todas as cousas neste mundo. Eu farei o que tu me aconselhas: roçarei a sua perna; sentirei o contacto do seu queixo e do seu pescoço. Si eu tivesse coragem, minha filha, confessar-te-ia que, por mais de uma vez, tenho sentido desejos d'isso. Mas não tive animo, nunca, de tentar. Parecia-me que isso era crime, e, no entanto, é a melhor arma da mulher!

Marcel Astruc



Y Y Y Y O NAUFRAGIO Y Y Y Y

Conto de JOFENE

Marietta Couto Neves, ou, para a sociedade, mme. Pinto Neves, era uma d'essas creaturinhas deliciosas de corpo a que o Senhor, para não estragar a parte material da obra, não soprou o complemento imponderável do espirito. Ao fim do romance mais escabroso, era como se tivesse acabado de ler o catecismo. A «Garçon» e a «Introdução» á Vida devota, eram, para ella, a mesma cousa. Faltava-lhe essa acuidade, essa finura, essa perspicacia, que fazem do instincto da mulher um promontorio de Certeza no oceano do Desconhecido.

Homem intelligente e ponderado, o capitão Couto Neves obstava, quanto possivel, que Dona Marietta se aventurasse em conversas prolongadas; fôra-lhe, porém, inteiramente impossivel impedir, naquella noite, na recepção da viuva Olga de Britto, o relato claro, corrido, minucioso, do seu complicado sonho da vespera.

— Foi um sonho horrivel, meninas! — começou a Couto Neves, a dicção preciosa, os olhos quasi fechados, como quem recita uma lição decorada. — Vocês não calculam!

E contou:

— Imaginem, que eu sonhei que estava de viagem para a Bahia, onde tinha ido vêr vóvó, que estava doente... Bom... O navio era um d'esses grandes, do Lloyd... Bom. E ia tudo muito bem, muito direi o, quando eu ouço, no camarote, aquella gritaria, aquelle barulho

aquellas carreiras... Subo ao tombadilho, e vejo que o navio está se afundando pouco a pouco... Bom...

E separando cada periodo com uma passagem da linguinha pelo beijo, e com aquelle «bom», que era o cacoete da sua palestra, continuou:

— Naquelle tumulto, naquella afflicção, corro para um lado, corro para outro, procurando um escalor, um salva-vidas, qualquer cousa a que me agarrasse... Bom... Não acho nada... Os escaleres vão se afastando, e o navio se vae afundando, até que a agua attinge, quasi, os meus pés... Bom... E é nesse momento que, ao levantar os olhos, eu vejo, lá em cima, a ponta do mastro... Bom... E começo a subir... Subo... subo... subo... E a agua atraz de mim fervendo, rugindo, espumando, como se me quizesse engulir... Chegada ao alto, grito por soccorro! com toda a força dos pulmões... As pernas começam a enfraquecer... A cabeça anda-me a roda... As mãos afrouxam, e eu desço docemente... suavemente... brandamente... pelo mastro abaixo, até o fundo do mar!... Quando abri os olhos, o João estava a meu lado, me sacodindo, me chamando, dizendo que eu tinha sido victima de um pesadello.

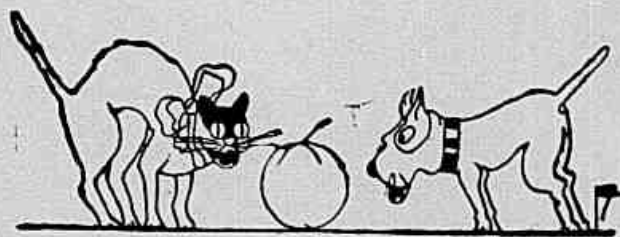
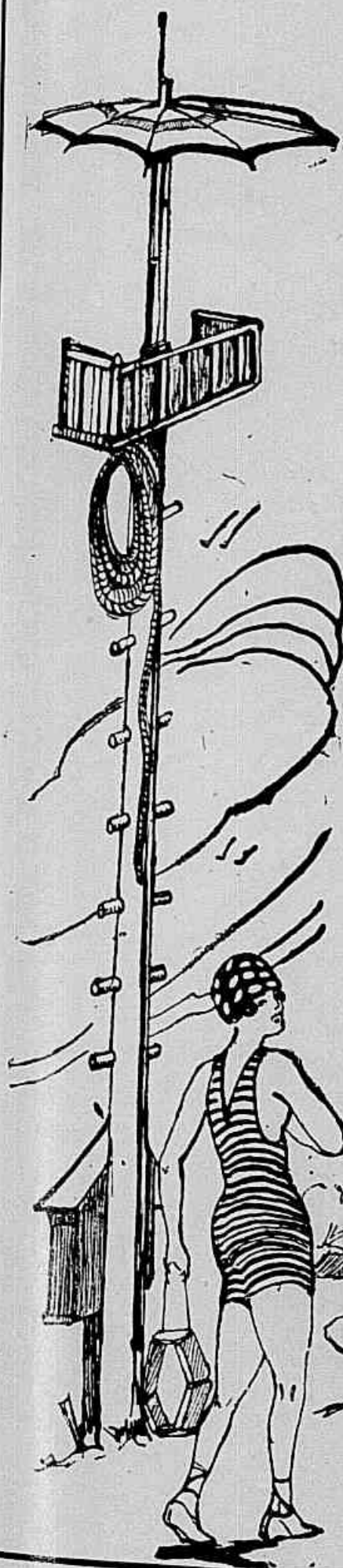
Dona Marietta olhou em torno:

— Era pesadello, eu sei. Mas que naufragio, meninas!... Tão nitido, tão vivo, tão parecido...

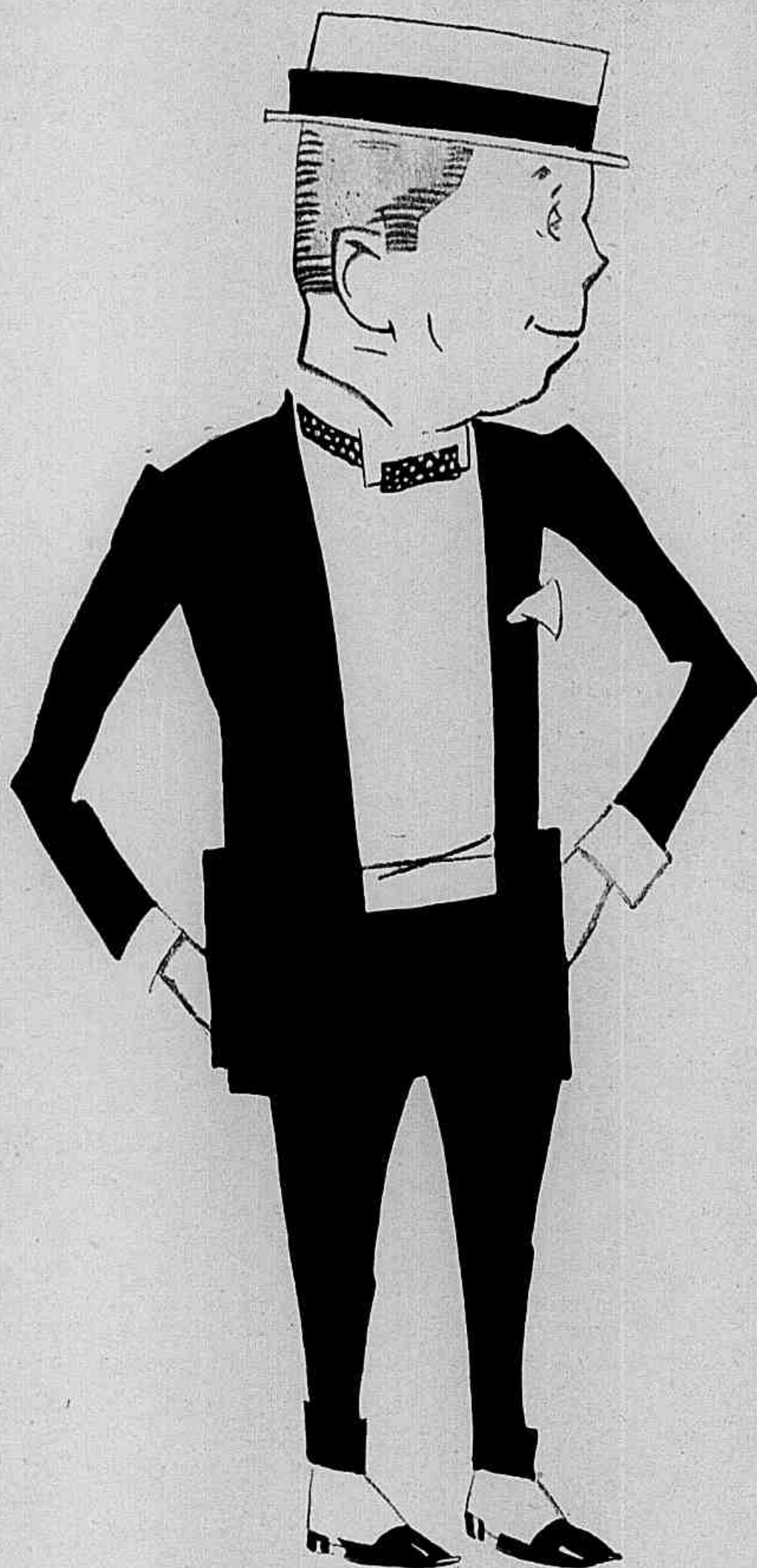
E concluindo a frase:

— Que eu acordei toda molhada!...

Jofene.



FIGURAS DIPLOMATICAS



ANDRÉS
GUEVARA

DON FELIX GRILO

(Ministro da Colombia)

O "FOOT-BALL" NOS ESTADOS



1.º "Team" da A. A. Palmeiras, de S. Paulo.

(No proximo numero publicaremos o 1.º "Team" do Palestra Italia de Ribeirão Preto)

OS CONTOS DOS TENENTES

A DIFFERENÇA

A disparidade naquelle casal era absoluta. Casado aos cinquenta annos com uma linda creatura de vinte e oito, o Antão Filismino, corrector da praça, não levara para o lar senão um resto insufficiente de mocidade, que fôra, para a esposa, uma verdadeira decepção. Ludibriada no seu sonho, na sua esperança de mulher jovem, Dona Fabiana, ou, melhor, Dona Fabi, supportara, durante mezes, a sua situação de victima. Reflectindo, porém, melhor, ou peor, acceitou a côrte do seu primo Estevão Alves, e, em seguida, a de outros cavalheiros mundanos, encobrando, porém, as suas faltas, com a simulação da mais rigorosa virtude.

Em compensação, o marido fazia exactamente o contrario. Velho e vencido, não tinha animo, sequer, para a menor conquista. Sentia que a idade, o coração, as molestias, apertavam os dedos sobre a sua saude, matando-o, abatendo-o, aniquilando-o. Precisava, porém, disfarçar esse estado, essa

decadencia crescente, e era com essa preocupação que espalhava por toda a parte a noticia das suas conquistas, das suas extravagancias, das suas noitadas lascivas, architadas, todas, pela sua imaginação.

Certa noite, em um dos chás da Baroneza do Salto Grande, faziam-se adivinhações, quando o Abelardo Godinho, que cahira na berlinda, perguntou:

— Que differença ha entre o sr. Antão e Dona Fabi?

Alguns imaginaram que fosse differença da idade; ninguém, porém, respondeu, e o Abelardo insistiu:

— Oh, gentel! ninguém sabe? Pois eu digo! E' que o Antão diz, e não faz...

E após um instante:

— E Dona Fabi faz, e... não diz!

Acabou-se a festa.

Tenente Matheus





POLITICA GYNECOLOGICA

Conto de BATU ALLAH

O casamento da Maria Elisa fôra motivo de espanto para toda a população de Piracicaba. Pequenina, fragil, delicada, parecia mais uma boneca do que, propriamente, uma mulher. Por isso mesmo o Abelardo, seu primo, costumava dizer-lhe:

— Si eu casasse contigo, não precisava de casa: comprava uma caixa, e te punha dentro!

Ninguém ignora, porém, que a Natureza, na sua preocupação de aperfeiçoar espécies, faz, sempre, com que as mulheres grandes procurem os homens de pequena estatura, e que os homens de grande estatura prefiram, para esposas, as mulheres pequenas. E foi em nome d'essa lei, que o Carlos Hartmann, um louro gigante saxão, se sentiu, de subito, apaixonado pela encantadora boneca paulista, a quem recebia mezes depois, como companheira, perante um padre catholico e um pretor positivista.

Ao fim de um anno e pouco, andava Carlos Hartmann a comprar, pela Avenida, casacões de malha ou de seda, que disfarçassem, de algum modo, a situação da sua bonequinha. Enjôos, vomitos, irritações, eram males que agitavam aquelle organismo infantil, aquelle corpo fragilimo, fazendo tremer o medico da familia,

o dr. Nabuco de Gouvêa, que ia acompanhando, cuidadoso, a marcha progressiva do phenomeno.

Passado o nono mez, o medico chamou á parte Carlos Hartmann. A delicadeza organica de Maria Elisa não permitia o desenlace natural daquella situação. A moça era franzina demais para a violencia daquelle esforço que a natureza lhe exigia. Urgia, pois, uma operação, uma intervenção cirurgica immediata, afim de salvar, a tempo, a Boneca, e a bonequinha de que se tornara involucro.

— Mas, doutor, — observou-lhe o allemão, — que é, afinal, que o senhor suppõe que tem a minha mulher?

— A sua senhora está, e o senhor não ignora, em estado...

— Que Estado, doutor? — interrompeu Hartmann, intrigado. — Estado do Rio?

— Não, senhor; em «estado» interessante!

— E então, que é preciso?

— O que é preciso, — fez o dr. Nabuco, procurando exprimir-se com habilidade — o que é preciso é...

E num gesto de mão, que significava a «cesareana»:

— E' dar o golpe... de «Estado»!

Batu Allah

OS «CAPITALISTAS»

MILTON CARVALHO

Quem passasse, em principios de 1896, pela praça Figueira de Mello, em Sobral, pararia, á esquina de uma das ruas que lá iam ter, ante um quadro muito commum ás pequenas cidades do norte: um caixão de cerveja encostado á parede, sustentado por dois pés de madeira, cortado de prateleiras em minia-

tura, e em que se encarreirava, convenientemente arrumado, todo um sortimento de pequena casa de negocio. Eram novellos de linha, carreteis de arame de viola, maços de grampos, espelinhos de tostão, vidrinhos de perfume, dedaes de dois vintens, papeis de agulha, pennas, cannetas, botões, colchetes, missangas... um «stock» variadissimo e colorido, mas que, reunido, não sommaria o vasto capital de doze mil

réis. Ao lado d'esse «estabelecimento», sentado num tamborete, a calça pelo joelho, o dono: um cavalheiro baixote, entroncadinho, queixo fino, cabeça chata, medindo uns dez annos de idade. Chamava-se Milton. A freguezia, composta de meninos de escola, tropeiros, cosinheiras, tratava-o, porém, de «Mirto», ou de «seu» «Mirto», para maior commodidade da lingua.

Filho do velho Souza Carvalho, agente da Estrada de Ferro no Ipu', Milton de Souza Carvalho havia sido mandado para Sobral, afim de cursar, como interno, o Collegio Arruda, famoso instituto de ensino da prospera cidade sertaneja. A disciplina era, porém, liberal, e como o director não procurasse tolher as vocações, arranhou o menino o seu negocio, assim como outros escolhiam o Acarahu', para tomar banho, ou o mercado, para jogar a «vermelhinha».

Certo dia, chegou a Sobral o velho Souza Carvalho. Vinha visitar o herdeiro, e ao encontral-o com aquella «casa commercial» encostada na esquina, poz as mãos á cabeça:

— Meu, filho, que é isso?... Isso é grande demais para você!

E olhando o caixão de cerveja:

— Porque você não começou por um caixãozinho de charuto?

Transferida, em 1897, a Estrada de Ferro a uma firma particular, ficou o agente do Ipu' desempregado. Pobre, e com uma duzia de filhos, desceu para Sobral com todos elles, e, confiante na propria operosidade, comprou, a credito, uma pequena casa de negocio. Como as economias fossem indispensaveis, tirou o Milton do collegio, collocou-o, com doze annos, á frente da casa, e partiu para a Meruoca, para a Serra Grande, para o sertão largo, a comprar farinha, gado, rapadura, em troco de mercadorias. E tres annos depois, seguia, com a familia, para Fortaleza, com todas as dividas pagas, e com algum capital disponivel para encetar a vida, corajosamente, num centro maior.

Em Fortaleza, estabeleceu-se o velho Souza Carvalho com o filho, á rua Formosa, abrindo ahi um armazem de fazendas, para vendas em grosso. Era isso em 1901. Milton andava pelos dezeseis annos e era, já, socio do pae. Mais felizes, encontrando situação mais prospera, os irmãos foram entrando para o collegio, estudando em socego. Um d'elles, o Raul, formou-se, entrando para a magistratura. Só elle, não. A sua vocação era o trabalho. A' noite, fechada a casa, ia, então, para a Phenix Caixeiral, onde conquistava, aos dezeseis annos, o seu diploma de guarda-livros, sendo, alli, na ordem chronologica e no brilho das provas, o primeiro que se diplomou.

O commercio, para os Souza Carvalho, tornara-se uma febre, um delirio, uma vertigem.

Emquanto o velho agia na capital, Milton, e os seus cinco irmãos homens, varavam o sertão immenso, comprando, vendendo, recebendo, multiplicando os negocios da firma. Das areias de Camocim á serra da Borborema, encontrava-se Souza Carvalho de todos os tamanhoos, de todas as idades, de todos os feitios. E quando os Boris e os Frota Gentil deram accordo de si, o antigo agente da estação do Ipu' havia tomado conta d'aquillo tudo, açambarcando o commercio quasi todo das melhores regiões do interior.

Socio do pae desde os dezesseis annos, e seu empregado desde os onze, Milton de Souza Carvalho, que era o olho mais esperto da firma, achou, em 1914, que era tempo de deixar, na casa, maior terreno para os irmãos. Separou, por isso, a sociedade, experimentou as forças, sosinho, num estabelecimento proprio, e, sentindo-se com capacidade para empreendimento mais largo, arrojou-se, como um bolido, no rumo do Rio. Trazia dinheiro no bolso. Mais do que o dinheiro valia, porém, a sua esperanza.

Olha aqui, olha acolá, parou, um dia á rua do Ouvidor, em frente á Sachet. Junto á Casa Colombo, um estabelecimento de trez portas pequenas, de artigos para homens, annunciava liquidação. Milton entrou, batoré, olhando o sortimento. Dentro, indagou:

— Quem é o dono da casa?

Indicaram-lhe um cavalheiro, e elle, os olhos baixos, amarrotando uma ponta de camisa:

— O senhor quer vender isto?

— Esta camisa?

— Não, senhor; esta casa.

O commerciante riu, daquelle freguez. Dentro de poucas horas, porém, estavam os dois examinando o balanço, e, quatro dias depois, entrava Milton de Souza Carvalho na posse da «Camisaria Especial», á rua do Ouvidor, pondo em «liquidação forçada» todos os artigos... pelo duplo do preço.

Quándo a noticia chegou a Fortaleza, o velho poz as mãos na cabeça:

— E' um doido, o meu filho!

E como quem receia as aventuras grandes:

— Tres portas... Mas, por que elle não começou com uma porta só?

O denodo, a coragem, com que Milton de Souza Carvalho se metteu em 1915 no commercio no Rio, pode ser afferido pelas etapas da sua prosperidade: em 1916 adqueria, adeante, a camisaria «A' la Capitale»; em 1917, comprava a «Casa Yankee», na Avenida, canto da rua do Ouvidor; e em 1919, fechava as duas primeiras, para atirar-se a esse empreendimento sem precedentes na vida commercial do Rio de Janeiro, disputando, como um nababo, o antigo predio onde funcionava o «Café Jeremias», para remodelal-o e montar, no coração do Rio, esse estabelecimento maravilhoso, joia da Avenida e orgulho da cidade, que é, hoje, «A Capital».

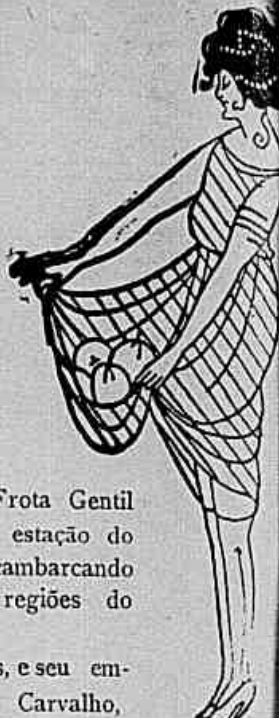
Toda a gente sabe o que foi essa aventura corajosa. Afugentando todos os lances, Milton offereceu, logo, trezentos contos de «luvas», e alugueis acima de toda a previsão.

— Está doido! — gritou o pae, outra vez.

E, na sua prudencia, de quem foi pobre:

— Quatro andares... Mas por que elle não prefere uma casa de dois?

Em 1921, «A Capital» abria uma filial (Continúa, para contraste, em O «Preguiçoso»)





Brabin. Foi o seu primeiro papel como estrella. Algum tempo depois, tornou-se Miss Dana estrella da Metro, estreando em «The Flower of No Man's Land». E a este film seguiu-se a serie interminavel das bellissimas produções em que tem figurado essa graciosa rapariga, indiscutivelmente uma das favoritas de todas as platéas.



— E' como os homens; basta erguer o braço...

Alice Brady voltou a trabalhar no palco, onde tem feito as delicias dos frequentadores do Empire Theatre de New York em «Lander de Great». Isto, porem, não quer dizer que Miss Brady tenha abandonado o cinema. Não; no intervallo das peças theatraes ella «filma». E no intervallo dos films, volta ao palco.

Ramon Navarro, o astro cinematographico descoberto por Ingram e que figurou em «O prisioneiro de Zenda», «Fifling women», e «Where the Pavement Ends», nasceu de paes hespanhóes, em Durango, Mexico. Sentindo-se cheio de vocação para o cinema, e conhecendo a maior facilidade que tem nos Estados Unidos do que no Mexico, partiu para aquelle paiz com a firme resolução de procurar trabalho em um dos muitos studios americanos. Isto não lhe foi tão facil como a principio parecia, e o jovem viu-se obrigado a engajar-se como musico em uma companhia, para viver nessa terra estranha. E já desanimava de poder tornar-se actor, quando Rex Ingram descobriu-o e fez delle o artista que todos admiraram em «O Prisioneiro do Castello de Zenda».

O ultimo film em que Colleen Moore figurará antes de seu casamento com John Mc Cormick, chamar-se-ha «April Showers». O casamento será realizado ainda este anno, está claro, pois os americanos estão muito longe de adopta-



— Em fim, nós...

rem o nosso systema de «noivar» durante annos e annos a fio. Mesmo porque, se o casamento entre nós é, como dizem muitos, uma loteria, e quem tiver a desgraça de tirar um bilhete branco é obrigado a guardal-o «per omnia, se-

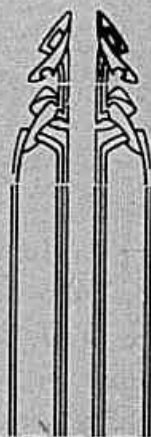
cula seculorum», lá nos Estados Unidos é facilissimo desfazer-se delle o conjugue que se julgar logrado. Já se vê que é completamente inutil esse estudo reciproco de genios e de caracteres tão commum, e diga-se tudo, tão infructifero, entre nós.

Depois de um mez passado em Palm Beach e Miami, na Florida, na tomada de scenas para o film «The Heart Raider», a «troupe» da Paramount voltou para o studio de Long Island para continuar o film.

Basea-se elle na adaptação para o cinema feita por Jack Cunningham de uma obra de H. R. Durant, intitulada «Arms and the Girl». Entre os artistas que apparecem nesse film figuram Agnes Ayres, Mahlon Hamilton, Charles Ruggles, Marie Burke, Charles Riegal, Hamilton, Charles Ruggles, Marie Burke, Charles Riegal, Le Gros.

Luise Fazenda acabou de posar «Cold Chill's» para a Mermaid Comedy, e começou agora a desempenhar um papel em um drama Warner Brothers.

DR. PAPA FITA



Combate as perturbações gastro-intestinaes e suas consequências. Regulariza as funções digestivas.

FRUCTAL

Pó effervescente á base de SAES DE FRUCTAS, muito agradável de tomar e de rapido effeito.



PAGINA PORTUGUEZA

O menino que engoliu um alfinete de gravata

Conto de André Brum

O menino Lolóca era um mancebo muito interessante. Apenas com seis annos de idade já sabia metter o dedo no nariz, deitar a lingua de fóra ás visitas, cuspir da janella abaixo, etc. Era uma criança muito prendada. Desinquiêto, n'isso então não se falla. Bulia em tudo, abria as gavetas, rasgava os papeis do pae, jogava o «foot-ball» com o chapéo da mãe... Era um anjo do Senhor, que cahira como uma benção no lir dos seus paes, os quaes lhe arrumavam cada tarefa de lhe deixar o Pólo Sul em estado comatoso.

Um dia succedeu que o menino Lolóca foi ao quarto de vestir do seu fabricante paterno. Mecheu em varias co'isas, entornou os frascos de essencia com que o pae disfarçava o mau halito e, por ultimo, metheu na bocca um alfinete de gravata do seu papá, que era uma cabeça de boi com um rubi em cada olho e uma perola em cada palito. Escusado será aclarar a prosa antecedente explicando que o alfinete é que era cabeça de boi e não o pae, etc...

Em resumo, o Lolóca engoliu o alfinete. Começou berrando como um coelho a quem esfolam contra vontade e dando pulos como o homem macaco. Acode a familia, todos indagam o que o Lolóca tem, elle não quer contar e afinal, com a promessa de ir á «matinée» do Coliseu, resolve-se a confessar tudo.

A familia fica afflictissima. Todos se lembram de applicar um remedio. Um aconselha um vomitorio, outro um lavatorio de estomago, outro um alivatorio do intestino. Um visinho, que era chimico, propõe que ao menino se dê agua régia, que dissolve o ouro. O pae, como republicano historico, não quer nada com co'isas régias. Outro lembra que se pendure um imã n'um cordél e se dê a engulir ao menino, dizendo-lhe que é arroz doce.

Não se chega a um accordo. O pequeno cada vez guincha mais. Todos correm apressadamente a chamar medicos, parteiras e veterinarios. E' tal a confusão que todos saem, deixando a porta aberta.

Então dá-se um caso, que pode parecer mentira a muita gente, mas que eu juro e dou a minha palavra d'honra que é verdade.

O «Perna Electrica», o celebre gatuno do golpe, que andava nas vis cobranças, cheirando-lhe a negocio, avança pela escada acima e, vendo a porta ás escancáras e a casa abandonada, entra resolutamente a palmar o que apanhe á mão.

Ao vêr o Lolóca gemendo, indaga:

— «Que tem o menino?

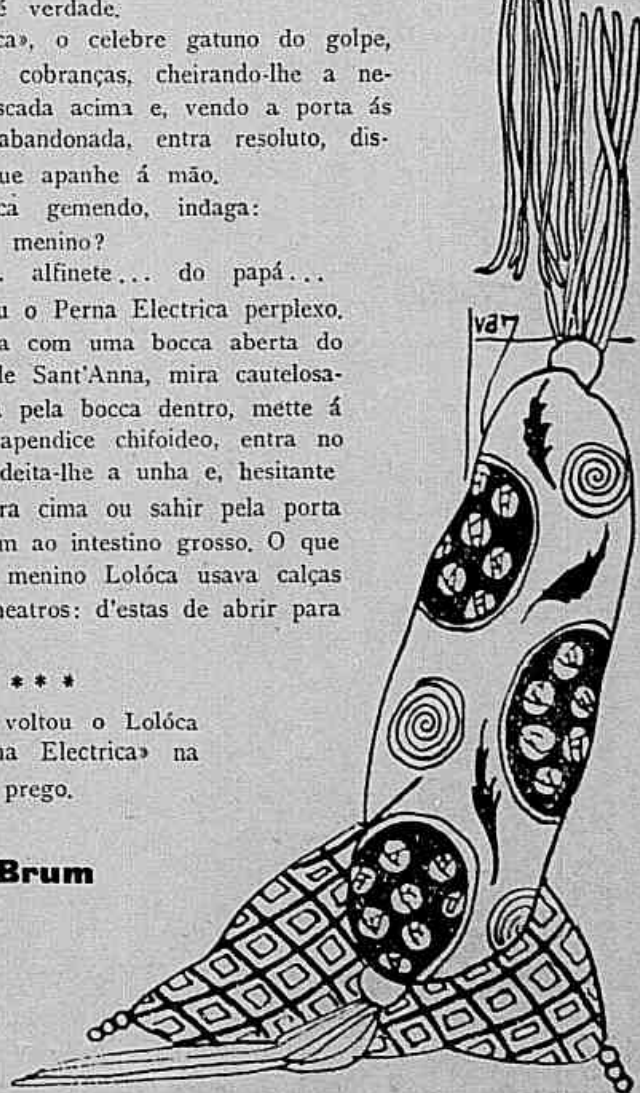
— Engoli um... alfinete... do papá...

— O quê? indagou o Perna Electrica perplexo.

E, vendo o Lolóca com uma bocca aberta do tamanho do Campo de Sant'Anna, mira cautelosamente em volta, enfia pela bocca dentro, mette á laringe, á faringe, ao apendice chifoideo, entra no esofogo, vê o alfinete, deita-lhe a unha e, hesitante em se ha de voltar para cima ou sahir pela porta da caixa, mette por fim ao intestino grosso. O que lhe valeu foi que o menino Lolóca usava calças como as portas dos theatros: d'estas de abrir para fóra.

Quando a familia voltou o Lolóca estava bom, o «Perna Electrica» na rua e o alfinete no prego.

André Brum



A ADIVINHAÇÃO

Conto de GIOVANNI MORELLI

A peor brincadeira familiar que já se inventou foi, positivamente, a das adivinhações. A chronica das «gaffes», commettidas em salão, por causa desse divertimento, é riquissima. Nenhuma, porém, como a da Octavinha de Araujo, maravilhosa creaturinha de quatorze annos, a quem a mãe permittiu, naquella noite de anniversario do pae, o primeiro contacto com a sociedade.

Alumna applicadissima, com tres primeiros premios no curso do Collegio, a Octavinha era um desses mimos de neve e rosa, dignos mais de uma vitrine, de um mostruario da Avenida, do que dos

braços de um homem. Era branca, de sangue á flor da pelle, uns olhos côr de onda, e cabellos quasi de ouro. E quando ria, os gallos, na visinhança, cantavam, pensando que vinha rompendo a manhã.

O penultimo anno de collegio determinava que a familia Araujo abrisse, desde logo, as portas do seu salão, para a moça que se formava. E era por isso que a Octavinha alli estava, naquelles salões atordoantes de luzes e rosas, perguntando-se a si mesma si aquillo era, por acaso, uma realidade ou um sonho.

Antes do chá, fez-se uma grande roda de senhores e damas, dispostos a brincar de prendas. Era uma homenagem das mulheres feitas, á mulher que se fazia, e que se despedia da meninice.

— Vamos brincar de adivinhação! Vamos!— convidava Octavinha, radiante, puxando uma, arrastando outra, pondo cada uma na sua cadeira.

Feita a roda, começou o brinquedo. Varias adivinhações foram feitas, umas simples, outras complexas, motivando, todas, gargalhadas tumultuosas. E reinava a alegria mais franca, mais barulhenta, quando Dona Marietta annunciou:

— Vamos ao chá; andem! O chá está na mesa!

— Ah, mamãe! não!— fez Octavinha, ruidosa. — Só uma vez! Só uma vez!

E, de pé, diante, do desembargador Silveira:

— Que é, que é? E' duro...

— Sim, senhora.

— A gente molha, e amollece!

Um silencio pesado encheu a sala. O conceito daquella charada era difficil, profundo, misterioso.

— Não sabem? — fez a Octavinha, olhando em torno.

E, batendo palmas:

— E' biscoito, gente! E' biscoito, que é duro, a gente molha no chá, e amollece!

Uma gargalhada geral desopprimiu a sala. E seguiram todos, para o chá.

Giovanni Morelli



THEATRO BOCCACIO

A VERDADE NO FUNDO DO POÇO

COMEDIA EM DOIS ACTOS DE JAN RICHORA

Personagens: Alceu, o marido — Laurinha, a mulher — Luiz, o amante — Rosa a criada.

ACTO I

Em casa de Alceu — Sala mobiliada com luxo ultra-moderno — 2 horas da tarde.

SCENA I

Luiz e Rosa

LUIZ (entrando e pondo o chapéu sobre uma cadeira) — Sua patrão não saiu hoje? Está doente?

ROSA — Se o senhor acha que nervoso é doença... ella está muito doente. Até agora nem se penteou ainda...

LUIZ — Mas... que houve?... Ella ontem estava tão bem disposta.

ROSA — E'... Tinha até combinado ir á cidade a uma hora para encontrar-se com o senhor no Alvear...

LUIZ — Como?... Como?... Ella contou isso a você?...

ROSA — A mim?... Não senhor... Ella contou ao patrão. Eu estava perto e ouvi...

LUIZ — O' rapariga... Você não está ficando doida?

ROSA — Pode ser... mas o que posso garantir é que não estou ficando surda, porque ouvi muito bem ella dizer a seu Alceu que hoje ia encontrar o senhor a uma hora no Alvear.

LUIZ — Essa agora!... E elle?...

ROSA — Elle?... Elle... disse... que...

SCENA II

Luiz, Rosa e Laurinha

LAURINHA (entrando de peignoir, des-penteada, com os olhos macerados) — Ah!... voce afinal appareceu.

LUIZ (afflicto, assignalando com um gesto discreto a presença da criada) — Acalme-se... acalme-se...

LAURINHA (para Rosa) — Vá lá para dentro... Rosa...

ROSA (sahindo) — Sim senhora.

SCENA III

Luiz e Laurinha

LUIZ — Mas que é isso? Que houve ahí?...

LAURINHA (cahindo, soluçante, nos braços de Luiz) — Sou muito infeliz... sou muito infeliz...

LUIZ — Mas que significa isso?... Infeliz, porque?...

LAURINHA — Meu marido... me engana...

LUIZ — Hom'essa!... E' lá motivo para por o mundo abaixo dessa maneira? Pois se elle te engana... deixal-o enganar. Que tire bom proveito...

LAURINHA — Como?... Como?...

LUIZ — Melhor para elle... e para nós... Ao menos poderemos tranquillizar os nossos escrúpulos... Não lhe amarguramos a vida... Cada um se diverte a seu modo... e para seu lado...

LAURINHA — E é você quem diz isso?... E dizer-se que você é o maior amigo do Alceu!... E' incrível a sua indiferença... E já não digo por elle... fallo por mim... Mas é bem feito que aconteça isso... Por sua causa esqueci até deveres que nunca devia ter esquecido... e no entanto você não tem um gesto deante da minha infelicidade.

LUIZ — Ora filha!... Afinal eu estou tranquillo... Imaginava que o caso fosse um drama... e não passa de uma comedia...

LAURINHA — Comedia?... Então a minha situação é uma comedia?

LUIZ — A tua... não sei bem... porque talvez se trate de um caso pathologico... mas a minha é de verdadeiro vaudeville...

LAURINHA — Caso pathologico?... Eu?...

LUIZ — Nem pode ser outra coisa. Olha... quer que te diga?... Tenho pena... estou deveras impressionado com o desequilibrio nervoso em que estás... mas não posso deixar de achar graça... Afinal... convenhamos... é muito curiosa essa tua maneira de encarar a fidelidade conjugal. O Alceu é o meu melhor amigo... o meu companheiro de infancia... e sempre foi tambem o melhor dos maridos...

LAURINHA — Foi... mas não é mais...

LUIZ — Seja lá como for... a verdade é que nós dois, o seu amigo e a sua mulher... commetemos o feio e horrivel peccado de enganar-o...

Sim... eu trahi o meu amigo... mas a culpa foi tua... tu me seduziste...

LAURINHA (ironica) — Violentei... Pode dizer.

LUIZ — Não digo que me violentasses... mas a culpa foi tua. A um homem... mesmo sendo o melhor amigo de seu marido, não se recebe sosinha em casa... com um peignoir em cima da pelle... como me recebeste...

LAURINHA — Voce nunca tinha visto uma mulher de peignoir?

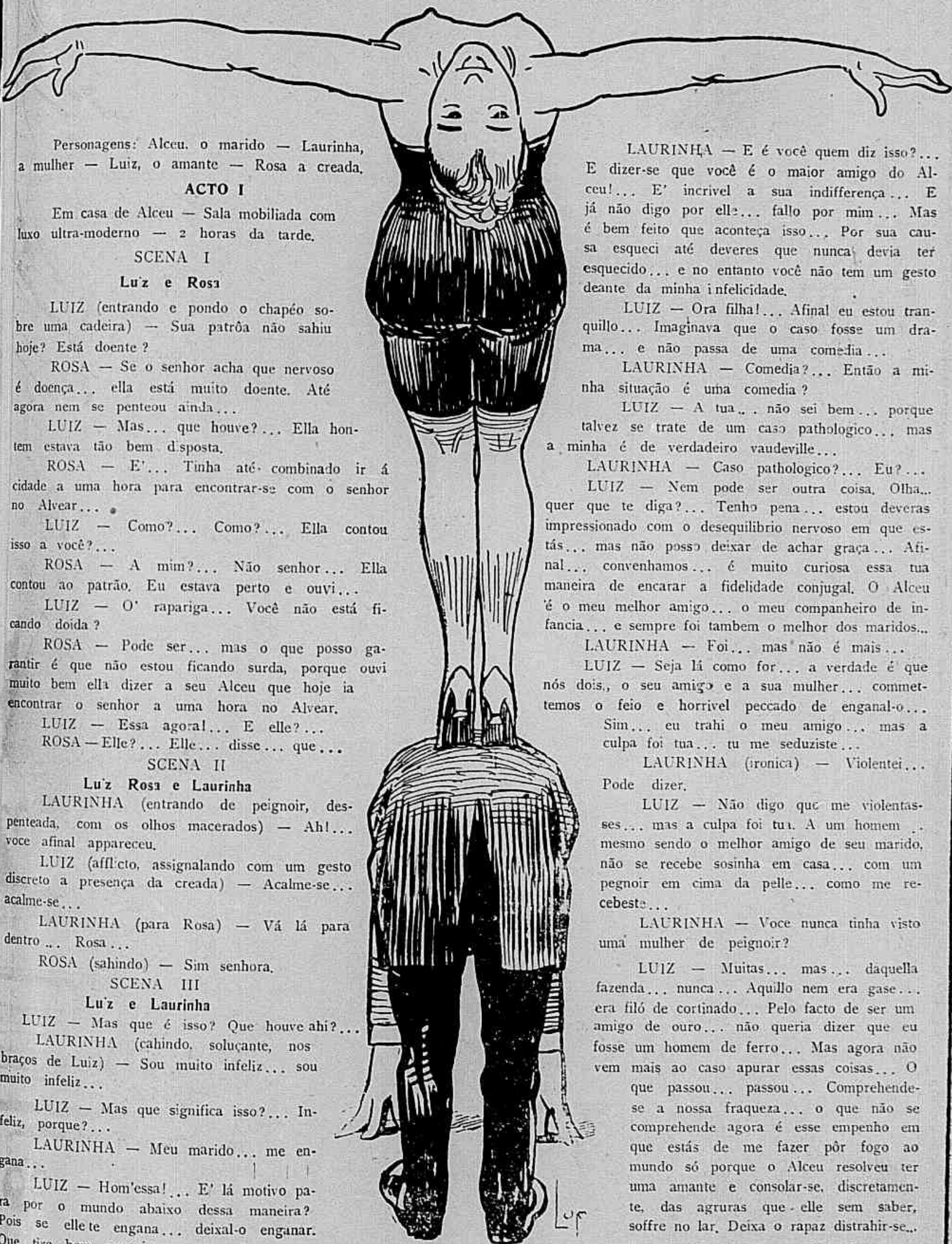
LUIZ — Muitas... mas... daquella fazenda... nunca... Aquillo nem era gase... era filó de cortinado... Pelo facto de ser um amigo de ouro... não queria dizer que eu fosse um homem de ferro... Mas agora não vem mais ao caso apurar essas coisas... O que passou... passou... Compreende-se a nossa fraqueza... o que não se comprehende agora é esse empenho em que estás de me fazer pôr fogo ao mundo só porque o Alceu resolveu ter uma amante e consolar-se, discretamente, das agruras que elle sem saber, soffre no lar. Deixa o rapaz distrahir-se...

LAURINHA — Distrahir-se.... Você chama a isso... distrahir-se.

LUIZ — Afinal que queres tu que eu faça?...

LAURINHA — Desejo... não exijo... que acabes quanto antes com essa ligação do Alceu.

LUIZ — Porque?... Não me dirás?...



O PREGUIÇOSO

Conto de JOÃO FORTUNATO

Beijo pendente sobre a papada, papada pendente sobre o peitinho da camisa gomada, o commendador Salustiano tivera a felicidade de casar-se com uma senhora rica, viúva de dois maridos, e herdeira de tres, a qual, para maior commodidade, lhe havia levado, já, dois filhos para o matrimonio. Derreado em uma cadeira de braços, nunca fizera nada, na vida. Limitava-se a comer o que lhe punham diante da bocca, e, para vestir-se, era preciso que lhe puzessem os botões na camisa, a gravata no collarinho, e lhe mettessem, mesmo, as botinas nos pés.

Precisando de marido unicamente para lhe dar o nome, especie de guarda-chuva com que affrontava os temporaes, Dona Josephina pouco se affligia com aquelle porco. Um dia, porém, irritou-se: ao lado da cadeira em que elle passava o dia, um lago de saliva sujava o tapete.

— Oh, Salustiano! — fez a moça. — En-

tão, isso se faz? A escarradeira não estava alli?

— Estava; mas a dois metros de distancia.

— Por que não chamou o creado, para approximal-a?

— Ora... Só o trabalho de gritar!...

— Pois, olhe: eu vou mandar collocar ali, junto de você, uma campainha electrica... Ouviu?

No dia seguinte, apparecia, realmente, o electricista. Collocados os fios, os timpanos, enfim, prompto o trabalho, explicou elle ao commendador, que o olhava, estupido, com os seus olhos de suino:

— Quando o senhor quizer chamar o creado, é só apertar aqui...

— Apertar? — fez Salustiano.

E as mãos cahidas, o beijo molle:

— Não tem alguma que toque, sem dar á gente o trabalho de apertar?

João Fortunato

(Continuação de "Milton Carvalho")

em São Paulo, revolucionando o commercio. E agora, plethorica de negocio, asphixiada no predio que hontem lhe parecia um mundo, e hoje lhe parece um ovo, lá vae ella extravasar para outro edificio ainda maior, verdadeiro «arranha-céus», que vae levantar na Avenida, canto da rua do Ouvidor, onde está a casa «Yankee», mas alcançando a Casa David, abrangendo uma área que a tornará, comprehendida a altura, um dos maiores edificios do centro da cidade.

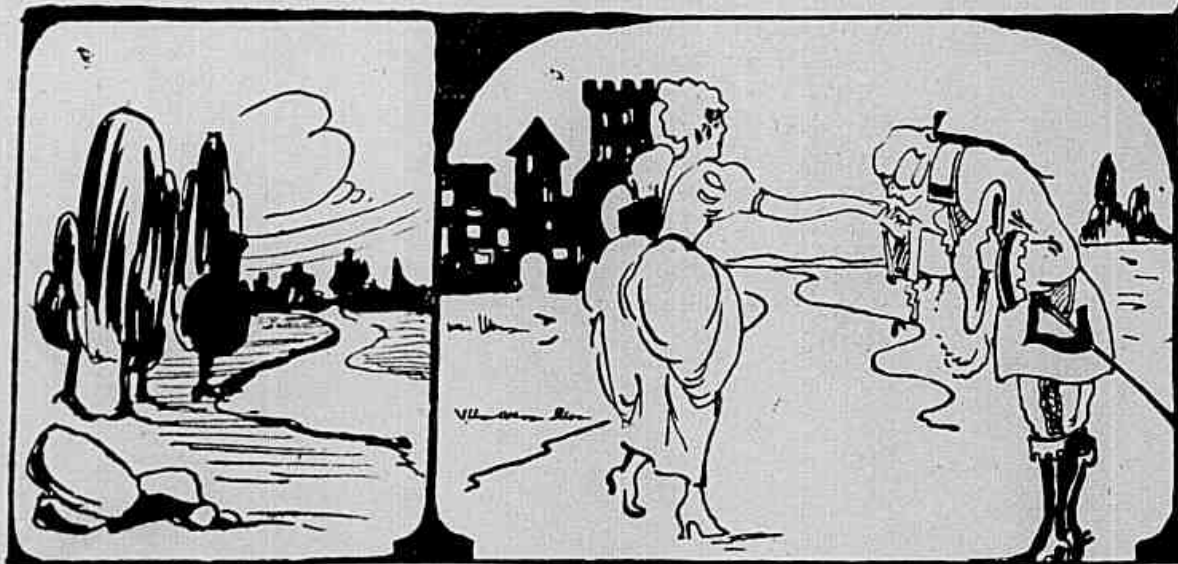
A idéa d'esse americano do Ceará é vasta como o seu sonho. Seis andares do monumento serão occupados por exposições, «ateliers» de chapéus, de costuras, de modas femininas. No setimo, haverá «manicuras», cabelleiros, aulas de dança, institutos de beleza, as artes e as sciencias complementares

da elegancia. E em cima, no ultimo andar, perto do céu, servido por elevadores poderosos, um grande salão de chá, com «restaurant» para senhoras. E tudo isto sem prejuizo da «A Capital» que já existe, com os seus artigos para homens e creanças, em frente ao Hotel Avenida, e que pretende estender-se, tambem, pouco a pouco, pelos predios circumvisinhos.

Emquanto isso, Milton de Souza Carvalho, com trinta e sete annos, namora o trabalho e a vida. Ha de subir, crescer, prosperar. E é encantado com o projecto do predio que vae agora levantar, que exclama, lembrando-se da sua meninice, em Sobral, á esquina da Figueira de Mello:

— Como o meu caixão de cerveja cresceu!...

Roque Feller



Theatro Boccacio

(Conclusão)

LUIZ — Confessaste tudo... então...

ALCEU — Isso nunca... Fingi uma grande indignação e saí de casa... batendo com a porta...

LUIZ — Para que?... Para não voltar mais?... Não faças isso.

ALCEU — Estás doído?... Eu saí de casa para poder arranjar uma desculpa... uma explicação qualquer sobre a minha presença em casa da Margarida...

LUIZ — E então?...

ALCEU — Já estava desanimado... pensando em voltar e confessar tudo, pedindo perdão á Laurinha... quando tu cahiste do céu...

LUIZ — Eu?... Não entendo...

ALCEU (Pegando no braço de Luiz) — E's ou não és meu amigo?

LUIZ — Que pergunta... Tens duvida?...

ALCEU — Pois vaes salvar-me... Aliás será um favor sem significação.

LUIZ — Como? Como?...

ALCEU — Vou dizer a Laurinha que fui á casa da Margarida levado por ti...

LUIZ — Por mim?... Que idéal...

ALCEU — Que tem isso?... Poderei até dizer que a Margarida é tua amante... Isso não tem importancia... Ficaré até chic... a Margarida é creatura distincta...

LUIZ — Estás doído...

ALCEU — Homessa!... Porque?... E' uma coisa tão natural!... E's solteiro... Não ha mal nenhum...

LUIZ — Mas... olha Alceu... arranja outro amigo para isso... E' melhor...

ALCEU — Não senhor... Serás tu mesmo o amante... Afinal é preciso ser um amigo bem intimo...

LUIZ — E essa? Porque?

ALCEU — Porque a Laurinha é muito desconfiada... e é preciso que a pessoa seja de confiança della... senão...

LUIZ — Mas eu...

ALCEU — E' isso mesmo... Está resolvido... Fica até combinado assim... Eu fallo... e appello para o teu testemunho...

LUIZ — E eu? Que faço?...

ALCEU — E' boa... Tu conferras calmamente... a verdade...

LUIZ — A verdade? Mas a verdade é exactamente o contrario.

ALCEU — Ora... ora... a verdade é aquillo em que nos acreditamos.

LUIZ — Pois bem... se faz questão... eu direi... mas não me responsabilizo pelo que houver...

ALCEU — Que pode haver de mais?...

LUIZ — Ella imaginar que estamos fazendo uma farça e procurar vingar-se de mim e de você... inventando coisas horriveis...

ALCEU — Não importa... eu não acreditarei... porque não é verdade...

LUIZ (commovido abraçando Alceu) Obrigado... meu amigo.

ALCEU — Mas não tenha susto... Ella vae acreditar piamente.

LUIZ — Homessa!... Porque?...

ALCEU — Porque ha dias, conversando commigo... ella indagou se não me parecia que voce tinha qualquer coisa com a Margarida...

LUIZ — E você? que disse?...

ALCEU — Disse que não sabia... Mas agora vou jurar o contrario... e você tambem...

LUIZ — Eu?...

ALCEU — Que tem isso... Eu sei que é mentira... mas isso não quer dizer nada... Basta que ella acredite... E' a conta.

LUIZ (numa ultima resistencia) — Mas é que...

ALCEU (batendo-lhe no hombro) — Deixe de tolice... Que escrupulo idiota... não querer, nem por hypothese que se imagine que você me engana com a minha amante... Bobagem... Espera ahi um instante, enquanto eu vou lavar as mãos... depois iremos para casa... acabar com essa encrência. Jantamos e vamos todos ao theatro. Que diabo tem você?... Quer alguma coisa?

LUIZ — Eu?... Eu?... Sim... quero lavar as minhas mãos...

(Panno)

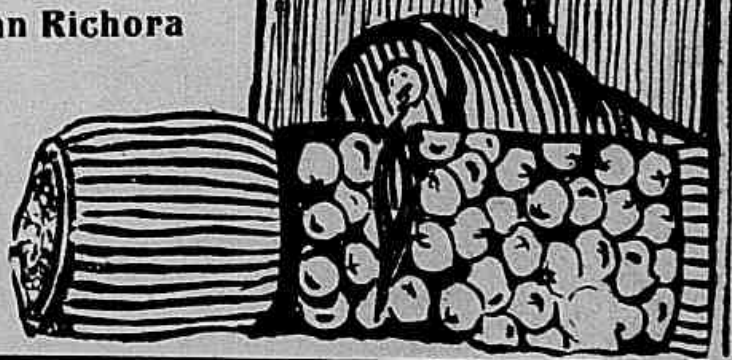
.....

Nota do autor: — Esta comedia não tem o III Acto, porque o Luiz, um dos personagens, atacado de nervoso, não poudé aguentar-se em pé, em scena, e cahiu de cama com uma febre cerebral.

Durante sua enfermidade, longa, foi tratado carinhosamente pelo Alceu e pela Laurinha.

Ao fim, o Alceu maravilhado com os cuidados de sua mulher para com o seu melhor amigo, arrependeu-se de suas infidelidades e pediu perdão á Laurinha. Esta por sua vez, sensibilizada pelo carinho com que seu marido acompanhara a doença do amante, e verificando a verdade de seu arrependimento, visto como elle levava um mez sem arredar o pé de junto do leito do outro para ir ver a Margarida, acabou perdando-o. Feitas as pazes, em geral, viveram elles assim muitos annos em particular e segundo consta tiveram até uma longa serie de filhos legitimos e illegitimos, mas verdadeiros, porque o Alceu acredita nelles.

Jan Richora



Theatro Boccacio

(Continuação)

LAURINHA — Porque... eu não quero. E' quanto basta. Sob pena...

LUIZ — Sob pena de que?...

LAURINHA — Sob pena de me obrigar a usar de represalias e dizer ao Alceu que não ficamos a dever nada um ao outro... e que eu tambem tenho um amante.

LUIZ — Tu não farás isso.

LAURINHA — Faço... e faço mais ainda... Digo quem é o meu amante...

LUIZ (desorientado) — Estás doida... estás doida... Não se imagina uma loucura maior...

LAURINHA — Pois vá se acostumando desde já a essa situação desagradavel... Vou desmascaral-o deante delle...

LUIZ — Mas... Laurinha... Que culpa afinal tenho eu de que teu marido te engana?...

LAURINHA — Pois então é tratar de acabar com aquillo... Ou você faz com que elle acabe ou eu contarei as nossas intimidades... confessando que somos amantes ha dois annos...

LUIZ (pondo o dedo nos labios) — Psio!... Estás doida?... Falla mais baixo!... Que imprudencia!... Não vês que a creada pode estar ouvindo a nossa conversa?

LAURINHA — Ora... o segredo de Polichinello... Você pensa então que ella não sabe?...

LUIZ — Como?... A Rosa, então, sabe?...

LAURINHA — De tudo. Por força... Tive de industrial-a... para evitar qualquer encrenca com uma indiscreção... Podia o Alceu telephonar ou chegar fora da hora...

LUIZ — Bonito... Qualquer dia estamos descobertos... Como foste confiar os nossos segredos a uma creada? E' incrível!... E ainda dizes isso calmamente... E' revoltante a calma com que fallas... Afinal eu sou amigo do Alceu... e não posso consentir que o humilhes assim... deante de uma creada... O nosso crime só tinha essa desculpa... de que ninguem o conhecia... e delle não viria mal ao mundo... porque nós dois só desejamos bem ao Alceu... Mas agora... Tornal-o ridiculo... deante dos creados... Não posso consentir... Prefiro romper, acabar com tudo... Gosto de ti... muito... mas acima de tudo devo presar uma velha amizade de infancia... e a digni-

dade de teu lar... Porque ultrajaste sim teu marido?...

LAURINHA — Meu marido?... Que me importa meu marido...

LUIZ — Mas... com os diabos!... Se não te importas com teu marido... se o rebaixas até ao ponto de tua creada saber que o enganas... porque então essa comedia de exigir que elle não te engane?... Por que esse apego por elle?...

LAURINHA — Eu não exijo que elle não me engane... Quero apenas que elle não me engane com uma pessoa conhecida... e principalmente com a Margarida... que eu detesto.

LUIZ — Ein?... Com a Margarida?... Que Margarida?...

LAURINHA — Ora... a Margarida... viuva do Machadinho...

LUIZ — Como é que sabe disso?...

LAURINHA — Soube por um acaso... uma denuncia pelo telephone. Bottei a Rosa em campo... e descobri tudo...

LUIZ — Mas... se não te importas com elle... que mal faz que elle te engane com esta ou com aquella?...

LAURINHA — Com outra qualquer... menos com a Margarida...

LUIZ — Mas... porque essa scisma.

LAURINHA — Porque eu detesto a Margarida...

(Panno)

ACTO II

No escriptorio de Alceu — No mesmo dia — 4 horas da tarde.

SCENA UNICA

Alceu e Luiz

(Alceu está sentado, com os cotovellos fincados sobre a mesa, e as mãos agarrando a cabeça, tapando os olhos, quando entra Luiz — Descobrendo o rosto e vendo o amigo que acaba de entrar, elle dá um salto da cadeira. Luiz recua insensivelmente.)

ALCEU — Afinal!... Achei!...

LUIZ — Achou?... O que?...

ALCEU — Achei uma sahida...

LUIZ — Sahida?...

ALCEU (pegando no braço de Luiz e arrastando-o para junto da mesa) — Senta-te ahi... e ouve...

LUIZ (sentando, desconfiado) — Que significa isso?

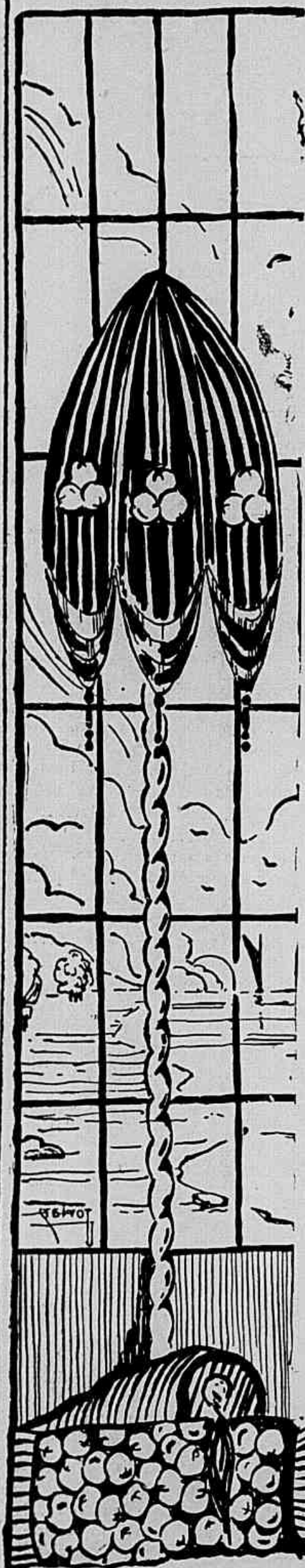
ALCEU — Significa que a Laurinha sabe de tudo...

LUIZ (fazendo-se de innocente) — De tudo o que?...

ALCEU — De tudo... quero dizer... ella sabe que eu tenho ido á casa da Margarida... e fez uma scena horrivel de ciumes...

LUIZ — E tu?... Que disseste?...

ALCEU — Então?... Não havia de negar?... Mas o d'abo foi que ella tem prova de que eu fui a casa da outra... e eu fiquei sem saber o que havia de explicar.





Galho DE URTIGA

A desculpa

E' possível que a historia não seja verdadeira. O que se conta, porém, é que, informada por uma carta anonyma, a conhecida senhora ficou desolada com o que se narrava da sua filha mais moça. Pelo que diziam, a menina, quando vinha á aula do Instituto, na cidade, saltava á esquina de uma das ruas transversaes, no Cattete, onde passava algumas horas na pensão do noivo. Com a dor na alma, a virtuosa matrona poz a menina em confissão.

— Fala a verdade, minha filha: fulano te fez mal?

— A mim, mamãe?

E baixando os olhos, com vergonha:

— Só da primeira vez...

Adoçando a vida

Durante a guerra, um dos artigos mais preciosos em Paris era o assucar. O pouco que havia na cidade, era distribuido por meio de rações infimas, de modo que a missão medica brasileira, proprietaria de certa quantidade desse producto possuía, com elle, uma verdadeira fortuna.

— Assucar valia mais do que dinheiro, — informava, ha dias, o dr. L. R., que fez parte da missão. — Com duzentas grammas, a gente possuía uma linda mulher, ás vezes de alta situação mundana.

— E vocês gastaram muito assucar? — indagou alguém.

— Eu, não, — desculpou-se o jovem facultativo.

E referindo-se a um collega:

— Quem gastou mais foi o Hernani. Tres saccas, em dois mezes!...

Viagens abreviadas

A vida galante da formosa senhora separada do marido tem dado ensejo aos commentarios mais compromettedores. O certo é que, de quando em quando, ella arranja uma viagem, que é, ora á Europa, ora ao norte, e óra, simplesmente, ao interior do Estado do Rio. Da ultima vez que ella partiu para São Paulo, duas das suas amigas mais intimas commentavam a sua partida.

— Mas, afinal, que viagens são essas? — indagou uma.

— E' facil de comprehender, menina, — informou a outra.

E enquanto passava o arminho no rosto:

— São viagens de nove mezes, que ella faz em quatro...



Avicultura urbana

O jovem engenheiro electricista começou a vida com uma estancia avicola para as bandas do Meyer. Durante um anno não pensou senão nas Orpington, nas Bra-

hma, nas Leghorn, nas gallinhas de preço e de raça. De repente, abandonou tudo, e veio passear na Avenida, em companhia de algumas francezas do Cattete, que, afinal, o absorveram, dando-lhe casa, mesa, roupa, e dinheiro para as despesas meúdas.

— Então, como vão as gallinhas? — indagam os conhecidos antigos, que lhe ignoram a mudança de vida.

E elle, sem mentir:

— Vão dando...

E vão mesmo.

Syphilis? Só LUETYL

LICOR — CAPSULAS — INJECCÕES

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!

EXIR DE SROQUEIRA

— Quem não quer ser
lobo não lhe veste a pelle,
— diz o proverbio; mas,
quem quizer ser elegante,
tem de,
necessariamente,
vestir-se na
alfaaiataria

DA

"A Capital"



≡CORISOL≡

De HALFELD

E' de real efficacia nas constipações, resfriados, nevralgias, bronchites, etc.

Faz abortar a influenza

— Não temer a Tuberculose —

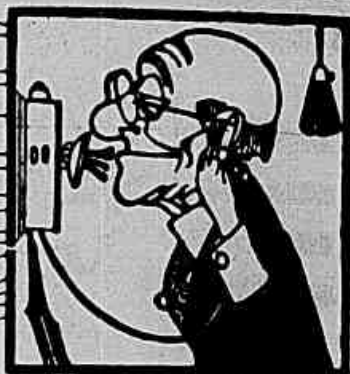
O "SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "SANGUINOL" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrophulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o "SANGUINOL". E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O "SANGUINOL" é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Pharmacias e Drogarias



Habilidade de advogado

Evaristo de Moraes, o admirável criminalista, é, como se sabe, de uma extraordinária habili-dade nos interrogatorios. Ha pouco tempo, carecen-do de certas informações, procurou elle o vigario de certa parochia elegante, pedindo para ser confessado. Ajoelhou-se diante do confessorio, e, meia hora depois, levantou-se, visivelmente satisfeito. E ia já na escadaria do templo, quando o vigario sahio da caixa de madeira, as mãos na cabeça.

— Minha Nossa Senhora! — fez afflicto.

E a andar de um lado para outro:

— Não é que o homem veio aqui para me contar os seus segre-dos, e acabou levando os meus?!...

Estranheza razoavel

Não obstante a sua fama de se-nhora prendada, madame, esposa de um grande medico, é de uma ignorancia encantadora, em cou-sas de literatura. Em uma das ultimas festas do Jockey, alludia o dr. Luiz Soares a Alfred de Musset, e ás suas relações com a grande romancista Aurore Dupin, quando accentuou:

— Foi um amor sublime, esse ,de Musset com George Sand!

— Como?... — fez madame.

E ante a repetição da frase, intrigada:

— Homem com homem?...

Economia

O eminente jurista, nome dos mais brilhantes da classe, é, tambem, de um alto espirito de economia. Por isso mesmo, tem, já, em menos de dez annos de advocacia, cerca de dois mil contos de fortuna. E o segredo d'essa prospe-ridade, revelava-o, ha dias, a sua cosinheira, na venda do canto:

— O doutor é quem dá a manteiga, o café, a cebôla, o arroz, o feijão, todo o dia de manhã. E quando sae, leva a chave da dispensa. Até a

lenha é contada, dia por dia.

E sacudindo a cabeça:

— Ainda no dia primeiro fui descontada em dezoito tócos, que gastei a mais durante o mez!...

Si a usura continúa, o mestre acabará estudando os autos na rua, nos combustores da illuminação.

O melhor adorno feminino

Uma linda cutis natural é o melhor adorno feminino, mas raras pessoas o possuem apesar de facil de conseguir. Applicando todas as noites o Leite de Cêra purificado de Frank Lloyd, dentro em pouco a pelle torna-se lisa, clara e asse-tinada; e, se depois usarem o Crê-me de Cêra Purificado tambem de Frank Lloyd como fixador de pó de arroz, a pelle assim se conser-vará para sempre, sem preocupa-ção alguma. Nas pharmacias e per-fumarias encontrarão estes pro-ductos.

A dactilographa

A graciosa dactylographa, empregada hoje em um grande estabelecimento da praça, foi abor-dada, uma d'estas manhãs, pelo patrão, director do grande insituto de credito, que queria, como nos «films», que ella fosse jantar em sua compa-nhia, na casa que elle tem para as bandas do Leme.

— Está com vergonha de ir? — indagou o capitalista.

— Vergonha, não! — fez a creaturinha, sorrindo.

E olhos baixos, beliscando as unhas:

— Eu tenho é medo...



— O seu alfaiate veste-o mal?
Nós o vestiremos bem.
— O seu alfaiate veste-o bem?
Nós o vestiremos melhor...

VISITE V. EX. A

ESTRELLA BRANCA

(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir em melhores condições

146 — Rua Urugayana — 148



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau hálito

Uma experiencia custa apenas : Liquido : 2\$500 Pasta : 2\$500

A VENDA EM TODA PARTE

Atacado : CASA HERMANNY, Rio